



# Religião e Sociedade: Hegemonia ou Submissão

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# Religião e Sociedade: Hegemonia ou Submissão

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
R382	Religião e sociedade [recurso eletrônico] : hegemonia ou submissão / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-685-0 DOI 10.22533/at.ed.850190710  1. Religião e política. 2. Religião e sociologia. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.  CDD 291.177
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## APRESENTAÇÃO

Compreender o paradoxo da constituição de nosso espaço público republicano, que ao laicizar o Estado criou relações privilegiadas com a Igreja católica é crucial para se compreender a organização do campo religioso brasileiro. Interseções. O Campo religioso brasileiro. até meados do século XX, assim como a natureza das novas transformações acentuadas a partir da década de 1960 (inclusive aquelas ocorridas no seio do próprio catolicismo). Pode-se dizer que, durante a primeira metade do século XX, o espaço público republicano destinado às religiões foi desenhado sob a hegemonia das instituições católicas, que contaram com a simpatia e a cumplicidade de inúmeras esferas do Estado. O que ocorreu a partir da segunda metade do século XX é que a Igreja Católica passou a perder sua posição hegemônica e sofreu enorme desgaste. Tal instituição inauguraria uma abertura diplomática em relação aos “povos não-crentes” e passaria a admitir o esforço pelo reconhecimento das religiões não ocidentais e de outros ramos do cristianismo, mesmo aqueles gerados dentro de suas próprias estruturas de outrora, e expurgados como expressão do paganismo ou do diabo. A partir de então, estratégia convencional de combate direto a outros cultos, já sem eficácia, abriu caminho para que outros cultos disputassem a legitimidade de sua presença no espaço social. O enfraquecimento da hegemonia católica criou assim condições para que a liberdade religiosa viesse a ser uma experiência social de mais amplo espectro (ALMEIDA & MONTERO, 2000:328-330). Em muitas nações católicas, a passagem para a segunda metade do século XX foi um momento marcado pelo desejo das próprias comunidades católicas locais de uma ampla reforma litúrgica. Isso se traduziu nos primeiros esforços efetivos tomados durante o pontificado de Pio XII (1939-1958) de aproximação com os grupos afastados da Igreja e da fé, e, assim, de um maior diálogo com as religiosidades nativas e populares, abrindo a possibilidade de um melhor entendimento com outras religiões.

Apesar da multiplicidade de planos que perpassam a experiência histórica que levou até o Concílio Vaticano II, incluindo aí questões particulares da Igreja romana e da Igreja Católica no Brasil, as principais linhas de força da primeira metade do século XX que influíram na caminhada até ele podem ser resumidas em cinco mudanças fundamentais: um novo posicionamento da Igreja diante da modernidade e do mundo; uma alteração profunda na compreensão do conceito de “leigo”, que levou a uma participação mais efetiva do povo na vida da Igreja; uma renovação eclesial e litúrgica aproximando clero e fiéis; a intensificação da participação e organização comunitária na Igreja e a guinada em direção a um discurso conciliador com a realidade da diversidade religiosa. Dessa forma, pode-se definir esse percurso histórico como um esforço renovador da Igreja Católica; inicia-se durante o fim da primeira metade do século XX, ganhando maior intensidade e densidade ao longo da década de 1950, até culminar na ocorrência do Concílio Vaticano II. Essa atitude inovadora, embora só se

estabeleça efetivamente após o Concílio Vaticano II, emergiu como uma alternativa à defesa da fé católica em termos apologéticos, característica do episcopado brasileiro durante toda a primeira metade do século XX. Portanto, em relação às outras religiões e às “religiosidades populares”, a grande inovação promovida pelo Concílio Vaticano II foi a passagem de uma atitude combativa, em contraposição às outras vertentes religiosas, para uma atitude de relativa compreensão e diálogo. Essas e outras profundas inovações convergentes no Concílio Vaticano II não se instalaram de forma imediata na sociedade, e também não foram decididas sem conflitos. Vários modelos eclesiológicos estavam em jogo. A abertura ao diálogo com o mundo contemporâneo e com as outras religiões ocorreu num período de maior aprofundamento das transformações em trânsito no século XX, e conseqüentemente de um profundo deslocamento do lugar na religião e da cristandade nas sociedades. No caso de muitos países ocidentais, incluindo o Brasil, a cristandade deixaria de ser o eixo estruturante do conjunto social, para que agora tivesse que “conquistar com suas próprias forças um espaço, a partir da consciência individual, não obstante sua marginalização na vida pública” (MATOS, 1997:341). Esse processo de mudanças históricas instaladas pelo Concílio Vaticano II ainda permanece em andamento, com retrocessos e avanços eventuais, de forma que mais de 40 anos depois ainda seja difícil prever ou mensurar o impacto efetivo e definitivo das propostas lançadas pelo Concílio. Campo religioso brasileiro na contemporaneidade? Creio que o melhor equacionamento de tal questão só é possível utilizando-se como lente de análise de estudos a Sociologia da Religião contemporânea, que, de alguma forma, encontram como denominador comum as questões pioneiramente propostas por Simmel, que no início do século XX indagou qual seria o papel ocupado pela religião em meio às transformações da sociedade moderna. A busca hoje do pertencimento a manifestações religiosas “populares”, notadamente expressões coletivas da fé, pode também ser interpretada como busca individual pela transcendência ou espiritualidade por meio dos elementos mágico-afetivo-sensitivos presentes em tais cultos/festejos e consoante os atributos da mística: suas dimensões coletivas (e muitas vezes festivas) permitem também o contato direto com o universo do sagrado sem a obrigação de intermediações hierárquicas ou ritos inflexivelmente estruturados, em grande parte através de recursos rituais permeados pela música, pela dança ou pela teatralidade. São formas de agradar tanto aos sentidos, quanto a Deus, aos santos ou entidades sagradas. Além disso, a relação com o universo do sagrado dá-se tanto individual como coletivamente, no prazer transcendente do contato consigo e com o outro. Assim, pode-se dizer que hoje manifestações religiosas “populares” ganham novo sentido de existência diante das profundas mudanças ocorridas no campo religioso brasileiro, pois, em sua dinamicidade, reúnem aspectos da comunidade, da igreja e da mística, permitindo o multipertencimento da religiosidade transversal contemporânea, seja ele concomitante ao catolicismo, ao kardecismo ou aos terreiros. Além disso, a pertença a tais manifestações e a notoriedade pública proporcionada

por ela constitui também capital cultural individual e coletivo, que possibilita (auto) afirmação identitária e pertencimento a um grupo (mesmo que flexível), além da atribuição a tais manifestações do status de patrimônio cultural.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A IGREJA CATÓLICA: SEXUALIDADE E A DITADURA MILITAR NO BRASIL	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Monica Soares	
Paulo Rennes Ribeiro Marçal	
Isabel Cristina Correa Cruz	
Carlos Simão Coury Corrêa	
Andreza de Souza Fernandes	
Fernando Sabchuck Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8501907101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A FUNÇÃO ECLESIAL DOS CARISMAS EM 1COR 12	
Marcela de Jesus Dias	
Vicente Artuso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8501907102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
ITINERÁRIO DA SINODALIDADE NA IGREJA: DAS ORIGENS DA IGREJA À VOLTA ÀS FONTES DO VATICANO II	
Pedro Paulo das Neves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8501907103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>38</b>
ECOFEMINISMO: EM DEFESA DA DIGNIDADE DAS MULHERES E DA NATUREZA	
Severino Arruda da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8501907104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
AS BASES FILOSÓFICAS DA VISÃO NA CONTEMPORANEIDADE A RESPEITO DE DEUS	
Adelcio Machado dos Santos	
Joel Haroldo Baade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8501907105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA. PASTORAIS SOCIAIS NA DIOCESE DE JOINVILLE – ANOS 1960-1990	
Rebecca Wuerz Balsanelli	
Rita de Cássia Pacheco	
Clélia Peretti	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8501907106</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>71</b>
FUNDAMENTALISMOS, INTOLERÂNCIAS E LAICIDADES: A RELIGIOSIDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA À LUZ DOS DIREITOS HUMANOS	
Celso Gabatz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8501907107</b>	



<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
MARIOLOGIA DE ANTÔNIO CONSELHEIRO: A MARIA DAS 'PRÉDICAS AOS CANUDENSES	
<a href="#">Izaias Geraldo de Andrade</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8501907108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>90</b>
PERSEGUIÇÃO CONTRA RELIGIÃO AFRO BRASILEIRA AUMENTA VIOLÊNCIA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, BRASIL	
<a href="#">Flávia Abud Luz</a>	
<a href="#">Monica Abud Perez de Cerqueira Luz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8501907109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>99</b>
RELIGIÃO E A POLÍTICA: UM ESTUDO SOBRE O ELEITORADO EVANGÉLICO	
<a href="#">Leandro Ortunes</a>	
<a href="#">Silvana Gobbi Martinho</a>	
<a href="#">Tathiana Senne Chicarino</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85019071010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>104</b>
UM REFORMADOR BRASILEIRO NO BRASIL IMPERIAL	
<a href="#">Raimundo Nonato Vieira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85019071011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>116</b>
OS CONTORNOS DA TÉCNICAS DE SI NA SEXUALIDADE E NA HISTÓRIA DA RELIGIÃO NO BRASIL	
<a href="#">Solange Aparecida de Souza Monteiro</a>	
<a href="#">Paulo Rennes Marçal Ribeiro</a>	
<a href="#">Maria Regina Momesso</a>	
<a href="#">Fernando Sabchuk Moreira</a>	
<a href="#">Andreza de Souza Fernandes</a>	
<a href="#">Carlos Simão Coury Corrêa</a>	
<a href="#">Isabel Cristina Correa Cruz</a>	
<a href="#">Valquiria Nicola Bandeira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.85019071012</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>130</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>131</b>

# CAPÍTULO 11

## UM REFORMADOR BRASILEIRO NO BRASIL IMPERIAL

**Raimundo Nonato Vieira**

**RESUMO:** O Brasil passou algumas tentativas de tornar o evangelho, segundo o protestantismo, uma realidade nas novas terras portuguesas, mas o protestantismo era visto como um inimigo terrível a ser destruído, especialmente em países católicos como era o caso de Portugal, Espanha e suas terras conquistadas. Tivemos um grupo de huguenotes franceses, iniciando pregações protestantes na Bahia de Guanabara no século XVI e posteriormente os Holandeses e sua fé protestante na Província de Pernambuco. Ambos foram expulsos e pouco restou de suas influências religiosas. Mas, as influências liberais na política do Estado e uma Igreja católica inflada por correntes filosóficas e teológicas mais alinhadas às novas ideias que surgiam na França, Inglaterra e as primeiras experiências de Independências nacionais, criam ambientes favoráveis no Brasil para novos levantes e oportunidades de dentro da própria Igreja Católica aquele que seria o abrigo de portas para a pregação do Evangelho pelos protestantes no Brasil a fora – José Manoel da Conceição, o primeiro pastor brasileiro, um reformador brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Império, Igreja, Reforma, Liberalismo

**ABSTRACT:** Brazil experienced some attempts to make the gospel, according to protestantism, a reality in the new Portuguese lands, but actually, it was considered a terrible enemy to be destroyed, especially in Catholic countries, as was the case of Portugal, Spain, and their conquered lands. In the sixteenth century, there was a group of French huguenots starting to preach protestantism at Guanabara Bay and later, the Dutch were preaching their protestant faith in the province of Pernambuco. Both were kicked out and little remained of their religious influences. Nevertheless, liberal influences on State politics and a Catholic Church filled with philosophical and theological currents more aligned with the ideas that emerged in France and England in the early experience of national independence, created a favorable environment in Brazil for new uprisings and opportunities inside the Catholic Church, that would be a door opener for the gospel preached by protestants throughout the country – José Manoel da Conceição, the first Brazilian pastor, as well as a Brazilian reformer.

**KEYWORDS:** Empire, Church, Protestant Reformation, Liberalism.

## 1 | INTRODUÇÃO

Em um ano quando o tema reforma é recorrente em vários círculos da sociedade, especialmente da religião, da história e da sociologia, é pertinente debruçar-se sobre um momento de inquietação social e religiosa nos idos final do Brasil Império.

Será que o ideal desejado pelo padre e regente Antônio Feijó encontra guarida no inquieto padre José Manuel da Conceição? Estão presentes elementos históricos e sociais na trajetória deste padre que se tornou o primeiro pastor brasileiro e ajudou a espalhar a fé evangélica pelo interior de São Paulo e do Brasil que justifique mais estudos a seu respeito?

Tem-se elemento social que cria as condições para o novo que surgiu com esta personalidade histórica? O que podemos encontrar de característico de uma reforma religiosa nos dias de José Manuel da Conceição, seus antecedentes históricos e a própria figura emblemática do eis padre?

## 2 | O BRASIL ESTÁ MUDANDO - DE BRASIL COLÔNIA PARA O BRASIL IMPÉRIO

O Brasil império, é um período que se inicia em 1822 com o retorno da Coroa portuguesa para seu país natal. Ficando aqui, Pedro I, filho de Dom João VI, que por sua vez, em meio a muita pressão de interesses políticos e econômicos declara o Brasil independente de Portugal. Entretanto, esta independência não será concretizada plenamente, pois a elite política e econômica de Portugal ainda continuaria com fortes interferências no Brasil (FREURY, 1967, p. 42). Esses serão motivos de grandes revoluções no território nacional.

Como é evidente, o Brasil não era uma ilha social em relação ao resto do mundo, mas recebia influências dos ideais filosóficos, políticos, religiosos e econômicos europeus. Segundo Francisco Iglésias (1993), o regime político chamado imperialismo no Brasil, tem sua construção nos fins do século XVIII com o forte advento do liberalismo e do nacionalismo. Segundo este historiador, "O liberalismo e o nacionalismo são vistos como as duas notas típicas do oitocentos" (p. 89).

O liberalismo e o nacionalismo são duas correntes de pensamento que terão fortes repercussões para independência do Brasil (OLANDA, 2003, p. 153). Não é novidade na historiografia brasileira o fato de filhos das famílias abastardas brasileiras saírem do Brasil para estudar na França e em outros países da Europa, e ao retornar traziam na sua bagagem as fortes influências do liberalismo, que apregoava a liberdade nacional, mas também a liberdade religiosa.

Um biógrafo de José Manoel da Conceição, na tarefa de localizá-lo historicamente, fala das ideias que influenciaram o ambiente onde este crescera que corrobora com aquilo que se está expressando:

O padrinho de José Manoel era adepto de algumas ideias em voga na época,

de aspectos iluministas, como as defesas das liberdades individuais, pois seu nome se encontra junto aos de Vergueiro, o Senador, e do padre Feijó assinando um documento da Revolta Liberal que ocorreu no ano de 1842. O século dezoito, conhecido como o Século das Luzes, desenvolveu e divulgou entre os povos ocidentais o pensamento de que o ser humano deveria ter liberdade para agir racionalmente e, como consequência disso, o progresso humano e social iria ser alcançado (SOUZA, 2011, p. 15).

Essas ideias despertaram no Brasil grandes manifestações através da literatura, muitos jornais surgiram nesse período, jornais estrangeiros eram recebidos no Brasil, grupos sociais se organizam, partidos políticos surgem com maior frequência, mas muitas revoltas armadas são despertadas.

Aristides A. Milton, historiando a chamada batalha de Canudos, faz um resumo histórico daqueles dias, a fim de situar Canudos em um imbricado de revoltas que marcaram o período imperial e que adentra a república. Fazendo isso, ele demonstra como aqueles anos do Império foram marcados por sublevações sociais:

A mesma tendência revolucionária que, desde 1822 até 1848, trouxera pendente da sorte das armas o futuro do Império, e, predominando ora aqui, ora acolá, celebrizara esse quarto de século por uma agitação constante, e lutas fratricidas de pungitiva lembrança, havia ressurgido na plenitude de sua funesta energia para perturbar o regime, que em 1889 tinha sido inaugurado (MILTON, 2003, p. 11).

Apartir de uma leitura de Peter Berger (1985), pode se dizer que as insatisfações sociais, os ideais do liberalismo, bem como do nacionalismo, fazem parte da dialética das realidades sociais, que se movimenta em um processo de exteriorização, objetivação e interiorização, estes são processos dialéticos fundamentais, que se dão em momentos distintos da formação da sociedade (p. 34). Mais adiante será explicado com mais detalhes a aplicação desta teoria na orientação deste artigo.

Não é demais dizer que, no Brasil, Igreja e Estado estavam juntos como forças sociais que operavam nos mesmos ditames de mobilização e persuasão. Estavam imbricados um no outro, mesmo com as queixas um para o outro, mas o que a sociedade via eram duas forças que tem sua origem na colonização. Com isto, quando uma onda liberal e nacionalista domina as conversas da intelectualidade, atingindo outros níveis da sociedade – está claro que ser independente inclui o Estado e a Igreja.

Quanto a Igreja, o sentimento é misto, não se quer trocar de igreja, mesmo que isso faz parte da discursão com a abertura para que imigrantes ingleses e alemães tenham sua liberdade de culto, mas há sentimentos de uma necessidade de reforma na igreja, conforme projetava o Padre Regente Antônio Diogo Feijó, é o que considera Otávio Tarquino de Sousa (1988, p. 95).

---

1 MARIZ, Vasco & PROVENÇAL, Lucien. **Os franceses na Guanabara: Villegagnon e a França Antártica (1555-1567)**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. P. 29.

### 3 | A RELIGIÃO DO IMPÉRIO E O CENÁRIO RELIGIOSO NOS ANOS 60 A 70

Desde o início do achado<sup>1</sup> do Brasil pelos navegadores portugueses, este território era de uma única religião – o catolicismo, até mesmo porque no momento em que essas terras foram achadas pelos portugueses, a religião do mundo europeu era o catolicismo, mesmo que sincrético em muitas regiões, dependendo da cultura básica que influenciou na sua formação inicial.

Haverá dois momentos de tentativas de grupos protestantes se instalarem no Brasil naquele período chamado de Colonial: Em 1555, a expedição, comandada por Villegagnon se instalou na Guanabara, e tinha a missão de criar a França Antártica.<sup>2</sup> Esses franceses seriam huguenotes; Em 1630-1654, os holandeses invadiram Pernambuco e como parte dos objetivos era que a fé reformada fosse pregada a todos os moradores das cidades da Província.<sup>3</sup>

Depois dessas duas tentativas da fé protestante se estabelecer no Brasil, só teremos presença protestante no Brasil com os observadores e distribuidores de Bíblias estrangeiros e com as imigrações de Ingleses e alemães e a consequente Constituição de 1824 que, concede liberdade de culto para outros grupos religiosos.

Com a propaganda de doações de terras no território brasileiro para incentivar a imigração para o Brasil, torna-se imperiosa a flexibilização de leis, e a abertura para outros credos e práticas religiosas além do catolicismo. Este é um fator que contribuiu para a implantação do protestantismo no Brasil.

Mas além desses fatores que criaram condições favoráveis a um ambiente religioso, simpático para novas crenças, ou mesmo novos poderes eclesiásticos, conta-se com as lutas internas da Igreja Católica, bem como do centralismo de Pedro I. Um exemplo é o quanto os ideais de liberdade estavam contaminando os clérigos no Brasil. Segundo Hauck,

A autonomia do poder civil em assuntos religiosos e a independência dos bispos com relação ao papa, com o qual se consideravam em pé de igualdade na qualidade de sucessores diretos dos apóstolos, eram defendidas com naturalidade por bispos brasileiros anteriores ao movimento de romanização. Livros condenados por Roma se admitia como texto de ensino nos seminários. [...] Pedro I achava mais fácil o Brasil separar-se de Roma do que o imperador deixar de exercer sua autoridade soberana em assuntos religiosos. A ideia era compartilhada também pela maioria do clero, que parece nem ter percebido o alcance do plano reformista de Feijó, mesmo que a consequência fosse o estabelecimento de uma igreja nacional.<sup>4</sup>

Tudo indicava, naquela primeira metade do século XIX que a Igreja se tornaria um tipo de Anglicana no Brasil, ou seja uma Igreja Nacional. Lembrando o que fora mencionado anteriormente, que o Brasil vivia sob a influência dos ideais nacionalistas e liberais.

---

2 *Ibid.*, p. 37.

3 SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e Estado no Brasil holandês: 1630-1654**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1989. P. 61.

4 HAUCK, João Fagundes, *et al.* **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época, século XIX**. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 77, 78.

Mas, segundo o historiador Leonard, também trazia dificuldade para a cristandade católica no Brasil o quadro muito reduzido do clero:

A grande insuficiência numérica do clero secular é ainda hoje, o que um título de um livro do Pe. Paschoal Lacroix chama o mais urgente problema do Brasil. Com mais forte razão assim era numa época em que a hierarquia estava reduzida a um arcebispado e oito bispados. Esta insuficiência do clero foi sublinhada e lamentada num relatório apresentado à Legislatura Imperial de 1843 pelo Ministro da Justiça e Negócios Eclesiásticos, depois de um inquérito publicado a 9 de setembro de 1842.<sup>5</sup>

Faz parte dos Estados mencionados pelo Pe. Paschoal Lacroix, na obra citada pelo autor supra citado, como não tendo padres permanentes ou dezenas de igrejas que ficam décadas sem sacerdote, pois a Igreja não dispõe de padres suficientes, Estados como: Maranhão, Pará, no Alto Amazonas e muitas outras regiões. Mas ele também diz que a razão é econômica, pois segundo o Pe. Paschoal Lacroix, ainda citado por Léonard, esses padres não recebem o suficiente.<sup>6</sup>

O fato é que, a igreja longe dos fieis, uma igreja mista – a igreja da vida e a igreja da teologia,<sup>7</sup> uma igreja dividida, entre liberais e conservadores, uns fieis a Roma e outros fiéis ao Império e ainda uma forte presença do jansenismo entre os clérigos brasileiros,<sup>8</sup> favorecia o surgimento de novos grupos que conferia algum significado à vida daqueles religiosos.

#### 4 | JOSÉ MANUEL DA CONCEIÇÃO, UM REFORMADOR BRASILEIRO

José Manoel da Conceição foi um desses homens que viveu no Brasil, nos instantes de muitas mudanças e efervescências sociais, políticas e religiosas, mas que decidiu participar ativamente da construção desse mundo social em transito. Ao invés de ficar assistindo tudo (é bom dizer que não foi o perfil de muitos padres brasileiros do século XIX), resolveu escrever também os seus dias como um sacerdote, politizado, culto e aberto ao novo.

Descrevendo a vida de Conceição, desde a sua infância, um de seus biógrafos assim delineia sua origem familiar e as circunstâncias sócio-políticas daqueles dias:

Alguns meses antes da independência do Brasil, nasceu na cidade de São Paulo um menino, filho de Cândida Flora de Oliveira Mascarenhas e do pedreiro português Manoel da Costa Santos, profissional especializado em talhar pedras para construção, chamado de canteiro.<sup>9</sup>

Conceição nasceu em uma família pobre, seus pais não eram influentes na

---

5 LÉONARD, *op. Cit.*, p. 29.

6 Cf. *Ibid.*

7 HAUCK, *op. cit.*, p. 17.

8 MATHIAS, Luiz Guilherme Kochem. **Uma leitura "tillichiana" da vida e dos escritos do pastor José Manoel da Conceição**. 2008. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Federal de Juiz Fora, Juiz de Fora, 2008. P. 62.

9 SOUZA, Silas Luiz de. **José Manoel da Conceição: o padre-pastor e o início do protestantismo brasileiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011. P. 13.



sociedade, mas ele era cercado de familiares próximos que estavam envolvidos no sacerdócio católico, o que o levará também a seu envolvimento com o sacerdócio e lhe conferirá oportunidades de crescimento em vários saberes. É sob a pena do historiador Francês Léonard que fica-se sabendo que o verdadeiro nome de Conceição é José Manoel da Costa Santos, mas este teria adotado o Conceição.

Tendo iniciado aos 18 anos de idade a leitura da Bíblia, não muito tempo depois desenvolveu relacionamentos de amizade com algumas famílias inglesas e alemãs, diga-se, todas protestantes, o que lhe oportunizará a leitura de livros reformados e ouvir da doutrina calvinista e os ideais da Reforma do século XVI na Europa.<sup>10</sup> Mendonça fala de uma amizade em especial que teria exercido profunda influência sobre o jovem padre:

A amizade que Conceição fez com o médico dinamarquês João Henrique Theodoro Langaard, que clinicava entre os trabalhadores de Ipanema, parece ter completado a sua protestantização, não tanto por seu exemplo de vida religiosa, mas pelas aulas de alemão. O conhecimento do alemão e o acesso aos livros de Langaard podem ter aberto a Conceição os conhecimentos históricos e críticos que mais tarde poriam em xeque a sua fé católica. Conceição nessa época era subdiácono.<sup>11</sup>

Além do contato com a literatura reformada, os relacionamentos de Conceição com esses estrangeiros, lhe impactavam no que tange a vida simples e de uma vida de exercícios de piedade diários. Conceição fora ordenado ao santo ofício em 1845, "após brilhantes estudos realizados em Sorocaba, onde seu tio avô era cura, no seminário diocesano".<sup>12</sup>

É significativo que o jovem Conceição vá estudar na cidade de Sorocaba, palco, em 1842 da Revolta Liberal, liderada por Rafael Tobias, Padre Feijó, Senador Vergueiro e outros. Pois ele, juntamente com seu tio, o padre Mendonça, assinaram a Ata de Rebelião naquela ocasião.<sup>13</sup>

O clérigo católico se assemelha em muitos aspectos ao reformador alemão, Martinho Lutero, pois ele descreve suas crises ao deparar-se com textos bíblicos que o colocava em crise sobre sua fidelidade à Igreja Romana e a fidelidade à sua consciência.

Em 1863 a notícia sobre o padre "protestante" chega ao conhecimento de um missionário americano – Alexander Blackford, que foi ao seu encontro em um sítio próximo a Rio Claro, São Paulo.<sup>13</sup>

Depois de exercer o sacerdócio católico por 20 anos, ele rompe com a igreja pedindo oficialmente seu desligamento ao arcebispo de São Paulo.

---

10 CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da Evangelização do Brasil**: dos jesuítas aos neopentecostais. Viçosa: Ultimato, 2000. P. 106.

11 MEDONÇA, 2008, p. 127.

12 LÉONARD, 1981, p. 56.

13 RIBEIRO, Boanerges. **O Padre Protestante**. 2. Ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979. P. 8.

13 CÉSAR, Elben M. Lenz. **Mochila nas Costas e Diário na Mão**: a fascinante história de Ashbel Green Saimonton. Viçosa: Ultimato, 2009. P. 168.

O Pe. José Manuel da Conceição, que exercera o sacerdócio em várias paróquias da Província de São Paulo, abandonou oficialmente as ordens em 28 de setembro de 1864. Suas dúvidas a respeito da Igreja Católica começaram quando aos dezessete anos de idade caíram-lhe nas mãos um exemplar da Bíblia, e começou a lê-la. Um pouco mais tarde passou a conviver com os europeus, ingleses, alemães e dinamarqueses que trabalhavam na fundição de ferro de Ipanema, perto de Sorocaba, cujo modo de viver, com suas devoções e respeito pelo domingo, impressionou-o, especialmente por serem eles protestantes (MEDONÇA, 2008, p. 127).

Depois de seu desligamento da Igreja Católica Romana, Conceição é batizado e posteriormente ordenado ao pastorado na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, tornando-se o primeiro pastor brasileiro.

Com a descoberta de uma nova fé, Conceição segue fazendo o que já fazia, pastorear pessoas, pregar, especialmente para aquelas do interior de São Paulo, Rio e Minas. Será aquele que abrirá as portas do interior do Brasil para a pregação protestante.

Quanto sacerdote católico era chamado de "padre louco", agora como sacerdote protestante será chamado de "pastor louco." Mas isso não impediu de se conduzir pelo mais fraco e querer que este mais fraco ouvisse do evangelho.

## 5 | A MENSAGEM DE REFORMA DO PADRE JOSÉ MANUEL DA CONCEIÇÃO

O que se pode dizer sobre as condições socioculturais criadas ou existentes para que uma mensagem de reforma tivesse lugar no Brasil Império?

Será importante o conceito de Berger sobre o mundo social e seus desdobramentos, pois Berger diz que,

Viver num mundo social é viver uma vida ordenada e significativa. A sociedade é a guardiã da ordem e do sentido não só objetivamente, nas suas estruturas institucionais, mas também subjetivamente, na sua estruturação na consciência individual (BERGER, 1985, p. 34).

Berger analisa esse conceito para a religião como algo que faz parte da estrutura que confere significado ao mundo social da mesma. No entendimento de Peter Berger (1985, p. 38), a religião confere uma estrutura de plausibilidade explicando e justificando o mundo conhecido.

Para Berger (1985), essa plausibilidade não é alguma coisa solta, teoricamente, mas está dentro de uma dialética da sociedade que consiste de três momentos ou passos: exteriorização, objetivação e interiorização. Ele detalha esses passos,

A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física, quer na atividade mental dos seres humanos. Objetivação é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais com facticidade exterior e distinta deles. A interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas

da consciência subjetiva. É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade sui generis. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade (BERGER, 1985, p.16).

Como se aplica uma teoria da Construção da Realidade? Para ele essa dialética é percebida como a exteriorização sendo um estado de anomia, onde a tradição ganha conotação de Lei; que interagem constantemente com a objetivação. Nas palavras de Berger e Luckmann, “o homem (evidentemente não o homem isolado, mas em coletividade) e seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro” (2014, p. 85); na interiorização, ao invés do homem conferir significado, este recebe significado, o que propicia a anomia, uma crise que necessita de aparatos sociais que legitimem, dê plausibilidade à nova condição de nomia (Ibid., p. 75-149).

O nomos trabalha com a necessidade da legitimação, mas o que é a legitimação para Berger e Luckmann? E qual sua função nessa construção da realidade social?

A legitimação enquanto processo é mais bem definida dizendo-se que se trata de uma objetivação de sentido de “segunda ordem”. A legitimação produz novos significados, que servem para integrar os significados já ligados a processos institucionais dispare. A função da legitimação consiste em tornar objetivamente acessível e subjetivamente plausível as objetivações de “primeira ordem” que foram institucionalizadas (Ibid., p. 122).

Porém, essa institucionalização é frágil e necessita constantemente de plausibilidade, mas como essa não é uma realidade acomodada e estável, se terá um processo dialético constante. Berger justifica sua teoria a partir da constatação da fragilidade social dos mundos socialmente construídos.

Segundo Berger (1985, p. 42), “todos os mundos socialmente construídos são intrinsecamente precários. Amparados pela atividade humana, são eles constantemente ameaçados pelos fatos humanos do egoísmo e da estultice”. Para ele (1985, p. 58)., “os mundos são construídos socialmente e mantidos socialmente”.

Aplicando a construção da sociedade ao campo da religião ele diz que “o que se afirma é que a mesma atividade humana’ que produz a sociedade também produz a religião, sendo que a relação entre os dois produtos é sempre dialética” (BERGER, 1985, p. 61).

Percebe-se que a teoria de Berger pode ser uma chave hermenêutica para analisar a origem do protestantismo brasileiro, como resultado de reformas e reformadores em atuação sociais a partir das condições geradas e geradoras. Isto se dará como resultado de anomias institucionais que estabelece novas realidades nomizantes.

Tendo uma compreensão das condições sociais que possibilitaram os discursos de Reforma, desde Pombal, Feijó e culminando em José da conceição, podemos passar a ver qual era sua mensagem de Reforma. Neste ponto será utilizado, principalmente a sua defesa em resposta à sua excomunhão.

José Manoel da Conceição diz:

Um passo tão importante e solene não deveria ser nem foi tomado precipitadamente. Havia anos que a leitura da Bíblia, da História da Reforma, e de outros livros religiosos e literários, tinham-me sugerido ideias que não se harmonizavam com os dogmas que professava. Vieram-me convicções irreconciliáveis com as obrigações e práticas que me cabiam como pároco (CONCEIÇÃO, 1867, p. 7).

Para Conceição, de uma vez leitor da Bíblia e de literaturas mais abrangentes, ele entrou em uma grande luta interior. Ele diz que “a luta da alma era longa, renhida e penosa”, também que comparava sua vida ao evangelho e não encontrava paz na sua alma (*Ibd.*, p. 8).

Saindo do motivo existencial porque de sua decisão de deixar a Igreja Romana, ele elenca na sua mensagem outros temas que a Igreja precisava se abrir para uma reforma. Primeiro ele fala da Confissão. Segundo ele, na sua angustia da alma, lembrava-se da Confissão, mas se questionava de onde viria o perdão, se do santo padre, se da penitência, ou de sua própria contrição (*Ibd.*, p. 8).

Em segundo lugar, Conceição elenca a idolatria como motivo de sua irreconciliável convivência como padre da Igreja Romana. Ele cita textos bíblicos do Antigo Testamento para fundamentar sua inquietação sobre tal assunto.

Mas outros temas são, por ele, considerados dignos de abandonos pela Igreja: os meios de Graça, as indulgências, promessas, o celibato para os clérigos, veneração dos Santos, as relíquias, a doutrina do purgatório, entre outros temas.

Conceição, em sua defesa, se antecipa dizendo:

Perguntar-se-á, talvez: Porque não trabalhou pela reforma, sem deixar a Igreja Romana? A isto respondo: Quando um edifício em desmoronamento ameaça completa ruína, é impossível continuar a residir nele, mas sai-se dele, ao menos até que seja reconstruído sobre bases firmes, sob pena de ficar com ele sepultado (*Ibd.*, 1867, 27).

Percebe-se que José Antônio da Conceição, não estava indo para o protestantismo, porque tinha paixão pela estrutura protestante, mas porque acreditava que aquele, podia constituir-se na oportunidade de pregar o evangelho livremente. No final da citação a cima fica claro, por meio da metáfora do prédio, que se houvesse saúde nessa Igreja ele poderia retornar.

Ele diz também, na sua defesa, que desejou muito que a Igreja Romana fosse assistida por Deus, no sentido de mudanças. Ele diz: “Esperava, porém, com uma convicção inabalável, que Deus havia de olhar para sua igreja e havia de assisti-la com o seu Santo Espírito” (*Ibid.*, p. 9).

Alguns desses posicionamentos de Conceição, também já vinham sendo motivos de inquietações e questionamentos por outros padres, como é caso do padre Feijo.

Na seção de 3 de setembro de 1827 um deputado chega com essa proposta: “indico que nosso clero seja casado e que os frades e as freiras acabem entre nós”. Feijó logo se mostrou favorável ao colega deputado (Ferreira França da Bahia) e

em 10 de outubro deferiu um longo voto separado a favor. Essa postura de Feijó mereceu uma resposta de Luiz Gonçalves dos santos:

Tal o assumpto desta Carta, reservando para outra a questão, se os Frades, e Freiras devem acabar entre nós, como pertende o Senhor Deputado Indicador. Eu me conservaria calado sobre estes dois objectos; porque confio muito, e muito, que semelhante Indicação não merecerá a attenção dos nossos Augustos Legisladores; porém como certos sujeitos nos tem dado a lêr na Astréa correspondências anti-Religiosas, e subversivas da Disciplina da Igreja Catholica, e mostrado excessivo prazer de que triumphem os inimigos da Religião, adoptando-se no Clero do Brazil as decantadas, e ímpias reformas dos Lutheranos, Calvinistas, e Anglicanos, para instrucção de huns, que ignorando estas matérias cantão Améns, sem saber a que, nem porque; e comedimento de outros, que mais por espirito de novidade, do que por malícia, andaõ desorientados, e levados de qualquer vento de doutrina, resolvi-me a escrever-vos estas regras com simplicidade, e verdade para que entre nós não haja algum fornicario, e profano como Esaú, o qual por huma vianda vendeo a sua primogenitura (SANTOS, 1827, p. 5,6).

Essas coisas tiveram uma repercussão na formação de Conceição, e exerce um papel importante no desejo deste ver uma reforma na Igreja Romana.

Conceição finaliza sua defesa da excomunhão, dizendo: “Lembro-me de ter lido nas obras do Cardeal Wiseman: ‘a religião não tem outro inimigo a combater senão a ignorância’. Esta é a missão do Evangelho e da Igreja Evangélica” (CONCEIÇÃO, 1867, p. 32).

As palavras de Léonard resumem bem o que foi a Reforma sonhada por Feijó e a Reforma de Conceição e seus *modus operandis* à semelhança da Reforma do século XVI na Europa:

O homem que abria ao protestantismo o interior do Brasil – conquistando não apenas indivíduos isolados mas famílias extensas e sólidas – assegurando assim, seu estabelecimento, foi um padre. Esta particularidade – que nos reconduz à época da Reforma e às facilidades que ela encontrou no ministério sacerdotal de um Zwínglio e muitos outros – corresponde também àquilo que fora o sonho de Feijó: a reforma da igreja brasileira por um padre brasileiro (LÉONARD, 1981, p. 56).

São tempos diferentes, contextos diferentes, sociedades muito dispares, mas antecedentes históricos e sociais formam o conteúdo da dialética presente na construção social da realidade sócio religiosa e histórica brasileira.

Como é atual refletir sobre a pessoa e a obra deste reformador brasileiro, que inspira a presente geração evangélica a continuar sendo o lugar, onde homens e mulheres corajosos assumem a postura de, envolvidos pelo amor de Deus, pregar a urgente salvação.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças em uma dada sociedade nunca ocorrerão isoladas dos seus matizes culturais. O que se viu neste breve artigo é que o Brasil esteve, desde o seu início, sedimentando parte das bases sociais portuguesas no Brasil. É um conjunto de valores e instrumentos – como a religião, a política, a economia escravagista,

entre outras.

Quando, nos idos do século XVIII para o XIX, as ideias europeias de nacionalismo, liberalismo e do jansenismo começam a chegar ao Brasil, não afetará apenas a política, a economia, mas todos os elementos fundantes da sociedade brasileira, como, por exemplo, a religião.

O que começa com José Manoel da Conceição, é algo que já possui uma histórica ideia de reforma a Igreja Romana no Brasil. Antes de Conceição se tem um Feijo, anunciador do desejo de uma reforma brasileira, por um padre brasileiro.

Por fim, se percebeu que a realidade social é construída socialmente. Existem demandas socioculturais que exigem transformações ou mudanças com certa constância nas sociedades. No Brasil, não foi diferente – a entrada do protestantismo no Brasil foi uma demanda social que foi elaborada por vários atores e momentos históricos. Isso quer dizer que é uma história dos homens, apenas – esta é a história de Deus usando homens e mulheres para a transformação do mundo, que redundava em louvor glória ao seu nome.

## REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da Religião**. Ed. 1ª. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulus, 1985.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da Evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais**. Viçosa: Ultimato, 2000.

\_\_\_\_\_. **Mochila nas Costas e Diário na Mão: a fascinante história de Ashbel Green Saimonton**. Viçosa: Ultimato, 2009.

CONCEIÇÃO, José Manoel. **Sentença de Excomunhão e Sua Resposta**. Rio de Janeiro: Typografia Perseverança, 1867.

FLEURY, Renato Sêneca. **O Padre Feijó**. 2 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

HAUCK, João Fagundes, et al. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época, século XIX**. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

IGRESIAS, Francisco. **Trajetória política do Brasil: 1500-1964**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LÉONARD, Émile – G. **O Protestantismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Juerp; São Paulo: ASTE, 1981.

MARIZ, Vasco & PROVENÇAL, Lucien. **Os franceses na Guanabara: Villegagnon e a França Antártica (1555-1567)**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

MILTON, Aristides Augusto. **A Campanha de Canudos**. Brasília: Senado Federal – Conselho Editorial, 2003.

MEDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

OLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). **O Brasil Monárquico: o processo de emancipação**. 9 ed. Rio



de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. T II, v 3.

RIBEIRO, Boanerges. O Padre Protestante. 2. Ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e Estado no Brasil holandês: 1630-1654**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1989.

SOUSA, Octávio Tarquínio de. **Diogo Antonio Feijó: história dos fundadores do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1988.

SOUZA, Silas Luiz de. **José Manoel da Conceição: o padre-pastor e o início do protestantismo brasileiro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011. Coleção Perfis Protestantes.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO:** Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos(IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

## ÍNDICE REMISSIVO

### B

Brasil Imperial 104

### C

Carismas 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 64

Comunidade cristã 12, 31

Corpo 12, 13, 14, 16, 17, 18, 23, 32, 40, 41, 44, 45, 46, 63, 67, 94, 122, 128, 129

### D

Defesa da dignidade 38, 39

Direitos Humanos 8, 9, 11, 60, 69, 70, 71, 77, 78, 79, 91, 97

Ditadura Militar 1, 2, 8, 10, 11

### E

Eleitorado Evangélico 99, 103

### F

Fundamentalismos 71, 80

### H

Hegemonia 5, 91, 94

### I

Igreja católica 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 26, 32, 69, 84, 85, 104, 107, 110, 116, 118, 121, 122, 123, 124, 125

Intolerância 58, 77, 78, 90, 91, 93, 95, 96, 97, 98

### L

Laicidades 71

### M

Memória e História 60, 61

Mulheres 13, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 75, 76, 80, 85, 94, 113, 114, 118, 121, 122, 123, 124, 125, 126

### N

Natureza 25, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 53, 56, 60, 61, 63, 73, 84, 87, 119, 121, 122, 127

## **P**

Pastorais sociais 60, 61, 62, 66, 68

Perseguição 7, 23, 75, 90

Política 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 34, 41, 46, 51, 65, 66, 73, 74, 75, 78, 79, 83, 96, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 113, 114, 123

## **R**

Reformador brasileiro 104, 108, 113

Religião 1, 3, 4, 21, 48, 49, 51, 52, 53, 55, 57, 58, 59, 71, 72, 73, 74, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 103, 105, 107, 110, 111, 113, 114, 116, 117, 118, 120, 123, 125, 126, 129

Religião afro brasileira 90

Religiosidade brasileira contemporânea 71

## **S**

Sexualidade 1, 2, 76, 94, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 129, 130

Sociedade 2, 3, 4, 11, 34, 40, 43, 44, 45, 47, 49, 56, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 89, 95, 96, 97, 105, 106, 109, 110, 111, 113, 114, 117, 118, 125, 129

Submissão 32, 53

## **T**

Técnicas de si na Sexualidade 116

## **V**

Violência 6, 7, 8, 43, 45, 58, 90, 92, 93, 95, 96, 97

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-685-0

